

Raça, Vitimização e Direitos Humanos

Nancy Cardia
Núcleo de Estudos da Violência
Universidade de São Paulo

Do que trata o texto

Neste texto exploramos dados que vem sendo coletados, a cada dois anos, na cidade de São Paulo sobre a experiência que cidadãos têm com a violência urbana, e com as agência encarregadas de aplicar as leis. Através destes dados tem-se buscado identificar o papel que o contacto continuado com a violência, e que pode ser medido através do grau de exposição à violência¹, tem sobre crenças e valores da população sobre o uso da violência, sobre os valores desta população em relação a justiça, leis e punição e sobre o exercício da repressão à violência: que práticas são aprovadas e quais são reprovadas. Deste modo busca-se identificar em que medida a exposição à violência afeta valores fundamentais, em particular aqueles que se agrupa sob o rótulo de Direitos Humanos, e que dizem respeito àquelas formas de proteção dos cidadãos contra um exercício arbitrário do poder pelo Estado. Nesse texto apresentamos dados sobre a: vitimização ao longo dos últimos 4 anos na cidade de São Paulo², a exposição à violência, o impacto desta vitimização, o acesso ao sistema de justiça, a percepção que os cidadãos têm do sistema de justiça, o tipo de delegação de poder que fazem ao Estado para que este reprima a violência, e a reação que têm aos Direitos Humanos: como percebem o tema, que tipo de violação de Direitos que reputam aceitável e o que é inaceitável, sempre segundo a variável raça/etnia.

Como o conjunto de dados é muito extenso optou-se por um recorte e por apresentar apenas aqueles dados mais diretamente relacionados com os temas abrangidos pela publicação. O tratamento estatístico realizado tratou apenas de identificar se as diferenças de frequência eram ou não significantes através do uso da técnica de Quiquadrado de Pearson. Estes dados podem eventualmente sofrer tratamentos mais refinados em busca da identificação de relações de causalidade principalmente no que se refere a mudanças no tempo.

O perfil dos entrevistados, os problemas que podem ser percebidos em decorrência da técnica de identificação da raça/cor dos entrevistados.

Apesar de não ser objetivo dos sucessivos levantamentos identificar a relação entre vitimização, exposição à violência e racismo, ou ainda o papel da desigualdade racial na vitimização violenta, os dados coletados permitem que seja feita a análise segundo a variável raça/cor. Para esta análise as respostas dos entrevistados, àquelas questões, relevantes para este texto, foram cruzadas segundo a variável raça/etnia.

Nestes cruzamentos outros grupos raciais, como os asiáticos foram excluídos por representarem um grupo muito reduzido. Foram considerados para a análise os brancos, negros e mulatos, sendo que nesta última estão agrupados também “morenos e pardos”. Cabe ressaltar nesta introdução também as possíveis limitações dos dados. A inclusão dos entrevistados em um ou outro grupo dos cinco considerados (branco, negro, mulato/moreno/pardo, oriental/amarelo e outros decorreu de decisão dos entrevistadores. A definição da variável raça é sempre problemática, mesmo quando o próprio indivíduo a faz (definição endógena) quando feita por outro que não o entrevistado (definição exógena) apresenta ainda mais problemas. Como os dados foram coletados por um mesmo grupo (IBOPE) e como as instruções dadas aos entrevistadores em todas as coletas foram as mesmas, seria de se esperar que se há erro na atribuição de pessoas a diferentes grupos que estes erros sejam constantes. Entretanto os dados sugerem que talvez não seja tão simples assim, pois há variações na composição racial da amostra que indicam que pode haver muito mais variação no padrão de atribuição de raça/etnia entre os entrevistadores em cada momento da coleta do que inicialmente previsto.

¹ A exposição à violência é definida como a experiência direta com a violência- ser vítima de algum ato violento; e a experiência indireta- testemunhar atos de violência, ou ainda casos que envolvem parentes ou amigos próximos e sobre os quais ouvem falar. Têm-se assim formas de vitimização direta e indireta, ambas produzindo efeitos negativos sobre as pessoas. Estar mais ou menos exposto a violência não é um evento neutro na vida das pessoas mas descreve não só diferenças de padrão de qualidade de vida mas também de novos riscos de vitimização (vitimização múltipla- Chang et al 2003; Hope et al, 2001)

² Os dados técnicos dos levantamentos (período, área geográfica, processo de amostragem, margem de erro) encontram-se descritos no Anexo 1

Os dados foram coletados em 1999, 2001 e 2003. No primeiro levantamento além de São Paulo foram incluídas 9 outras capitais (Porto Alegre, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Belém, Manaus, Porto Velho e Goiânia) totalizando 1600 entrevistas. Em 2001 e 2003 os levantamentos foram feitos em São Paulo com uma amostra suplementar em três distritos censitários que têm apresentado nas últimas três décadas altos índices de violência, sendo que a cada levantamento cerca de 1030 pessoas foram entrevistadas.

Neste texto apresentamos os dados agregados do levantamento nacional (1999), a desagregação dos dados relativos a amostra de São Paulo³, os dados de 2001 e 2003 para a cidade de São Paulo e para os três distritos com maiores índices de violência: Jardim Ângela, Capão Redondo e Jardim São Luís.

A tabela abaixo (tabela 1) ilustra os problemas de atribuição externa de raça relatado acima: comparando-se os diferentes levantamentos observa-se vasta alteração no perfil racial da cidade de São Paulo em apenas 4 anos. Em dois anos o percentual de brancos teria caído de 75,1% para 56,6%, o de negros teria quase dobrado passando de 6,3% para 11,2% sendo que o mesmo teria ocorrido com os mulatos que teriam passado de 18,6% para 32,2%. Entre 2001 e 2003 há um pouco mais de estabilidade na distribuição da amostra, porém ainda assim o percentual de negros teria aumentado em 50% em apenas dois anos. Os problemas de atribuição de raça não se limitam ao levantamento o município mas atingem também os três distritos onde há, segundo os dados, maior percentual de brancos do que no resto da cidade e menor presença de negros e de mulatos.

Tabela 1
Distribuição da amostra segundo a variável
raça/etnia

raça/etnia	Brasil		Zona Sul			
	10 capitais	São Paulo	2001	2003	2001	2003
	1999	1999	2001	2003	2001	2003
Branco	52,3	75,1	56,6	56,1	65,9	62,3
Negros	6,9	6,3	11,2	16,3	8,8	12,6
Mulatos	39,6	18,6	32,2	27,6	25,2	25,1
N Total	1600	500	700	701	341	346
N análise	1580	474	691	688	339	344

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

Os dados serão apresentados segundo os totais para cada uma das variáveis consideradas, sendo que a variável raça será destacada quando o tratamento estatístico apontou que há diferenças significativas entre os grupos raciais considerados.

O perfil de vitimização direta e como isto muda no tempo

Para se medir a vitimização é utilizada uma pergunta desenvolvida originalmente pela Organização Pan Americana da Saúde, OPAS em ampla pesquisa comparativa realizada em meados dos anos 1990 em várias cidades Latino-Americanas⁴ o projeto ACTIVA (Estudo Multicêntrico sobre Atitudes e Normas Culturais em relação à Violência). Nesta questão trata-se de medir o contacto que os entrevistados tiveram com diferentes tipos de violência ao longo dos 12 meses que antecederam a entrevista. Esta violência variam quanto a gravidade, quanto a proximidade com o entrevistado e quanto o tipo de agressor sendo que aqui se destaca o papel que agentes encarregados de aplicar as leis têm.

Três fatores podem responder por eventuais diferenças na frequência com que os entrevistados revelam terem sido vítimas dos fenômenos medidos ao longo das diferentes coletas de dados: a) podem ter ocorrido aumento ou queda destes fenômenos, b) a probabilidade de memória dos fenômenos pode variar de acordo com características individuais (idade, estafa, stress, nível de escolaridade) ou por características do próprio

³ Em São Paulo a amostra de 1999 com 500 entrevistados permitiu esta desagregação

⁴ Rio de Janeiro e Salvador no Brasil, Santiago do Chile, San Salvador em El Salvador, Cali na Colômbia, Caracas na Venezuela, San Jose da Costa Rica e em Madrid na Espanha.

fenômeno tal como a gravidade do mesmo ou a repetição (recorrência) e c) apesar da aplicação do questionário ter sido feita sempre pelo mesmo instituto de pesquisa de opinião, e portanto ter se garantido que as técnicas de treinamento das equipes e de controle de qualidade dos dados serem as mesmas podem ter ocorrido variações na coleta de dados devido a mudanças na forma dos entrevistadores apresentarem as perguntas e apesar das instruções aos entrevistadores terem permanecido estáveis no tempo e buscarem garantir que os entrevistados sejam continuamente lembrados de que a pergunta se refere a eventos ocorridos nos últimos 12 meses e não ao longo da vida (alguma vez prevalência)⁵.

Três resultados devem ser realçados. O primeiro resultado é que apesar da pergunta utilizada para aferir a vitimização abranger 15 itens, com diferentes graus de seriedade e potencial de impacto, e dos itens terem sido medidos em três períodos diferentes –sendo que dois deles junto a duas amostras de moradores da cidade com diferentes probabilidades de contacto com a violência, os resultados mostram pouca diferença, estatisticamente significante, entre os três grupos (brancos, negros e mulatos) no que se refere a vitimização. Quando há diferença, ela não se mantém no tempo ou no espaço. Isto significa que as diferenças encontradas são pontuais e sem continuidade temporal ou ainda de região e não sistemáticas. Esta hipótese adquire mais força quando os dados de São Paulo são comparados aos de Salvador (Bahia) coletados em fins de 1996, pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), como se verá mais adiante.

Se considerarmos todas as formas de vitimização direta a mais freqüente, em São Paulo, é a agressão verbal- mais de um em cada 5 entrevistados relata ter sofrido este tipo de agressão, seguida da solicitação de compra de drogas (mais de um em cada 10 entrevistados). Agrupando-se os tipos de violência acordo com o grau de violência física sofrido em “sem violência física”, “ameaça de violência física” e “violência física” observa-se que a freqüência dos eventos seguem esta ordem: o mais comum é a ocorrência de eventos sem violência física, seguindo-se as ameaças e por fim as violências efetivas. Dentre as formas de violência sem agressão física há pouca variação entre os três grupos e quando há ela não se mantém estável ao longo do período e nem ocorre em todas as áreas da cidade: os negros aparecem como tendo sido mais abordados por pessoas que procuraram drogas tanto na cidade como nos três distritos do que brancos e mulatos. Esse tipo de abordagem pode indicar a presença de preconceito ou seja que algumas pessoas associam aos negros maior envolvimento senão com o tráfico de drogas ao menos com o uso de drogas. Esta diferença porém não apareceu em 1999 e tão pouco re-apareceu em 2003.

O segundo resultado interessante é que a freqüência de vitimização direta caiu em relação a alguns tipos de violência e cresceu em relação a outros (Tabela 2): aumentou a freqüência de todos os tipos de “violência não física” na cidade; das “ameaças de violência” três caíram e três aumentaram, e o mesmo se passou com os eventos mais sérios que envolveram violência física efetiva. Porém, este resultado não é uniforme e aqui têm-se o terceiro resultado interessante houve uma forte queda, entre 2001 e 2003, na vitimização de moradores das três áreas que historicamente apresentam altos índices de violência da cidade. A queda na vitimização relatada nesta áreas é superior àquela da cidade e só não é total porque os casos de há duas exceções a esta tendência: aumentaram as mortes de parentes assassinados e o comportamento de “mudar de casa” por medo e ameaças.

Agressão verbal parece ser uma constante no tempo e no espaço. É o tipo de violência mais relatada por todos os grupos nos diferentes períodos de coleta de dados e nas diferentes regiões. onde quer que se viva. Ao menos 1/5 da população relata, em diferentes períodos ter sido vítima de agressão verbal, que vale salientar não é algo inócuo, dependendo do tipo de agressão, do contexto em que se encontra a vítima, do perfil de eventuais testemunhas e da necessidade que o ofendido possa ter de recuperar a auto-estima, tais ocorrências podem resultar em agressão física e eventualmente até em lesão corporal ou morte. Ameaças de morte a parentes e ter recebido oferta de drogas são as outras ocorrências freqüentes e que também parecem não variar no tempo.

O que difere para os três grupos em relação a este quadro de mistura de queda com aumento de ocorrências dependendo da área da cidade? Há algumas diferenças a ressaltar: em 2001, tanto no que se refere a cidade de São Paulo como nos três distritos, houve uma diferença significante entre negros, brancos e mulatos com relação ao item “procurar drogas”. Há maior freqüência de relatos por negros de terem sido abordados para informarem sobre onde se pode comprar drogas naquele bairro, sugerindo que algumas pessoas possivelmente estavam associando aos negros na cidade e aos mulatos moradores dos três distritos, que vem

⁵ Talvez seja melhor que pesquisas deste tipo sempre incluam uma questão sobre a prevalência destes eventos: alguma vez na vida ou sr. (a)..... Isto poderia facilitar que o entrevistado conseguisse se fixar no período de maior interesse da pesquisa, sem se deixar contaminar por eventos anteriores mas que têm forte conotação emocional.

sendo acompanhados, um maior contacto com drogas: quer como usuários ou como vendedores. Todavia estas diferenças não se mantiveram em 2003, sugerindo que este seja um resultado conjuntural.

Tabela 2- Vitimização I

Destas situações que podem acontecer na vida das pessoas (...) uma dessas coisas aconteceram ou não com o(a) sr(a):

	Ocorrências mais frequentes					
	Brasil		São Paulo		Zona Sul	
<i>Sem violência física</i>	10 capitais	1999	2001	2003	2001	2003
No seu Bairro, Sim	%	%	%	%	%	%
Alguém o(a) agrediu com palavras de baixo calão.	19,6	20,7	20,8	22,6	25,7	19,8
Alguém lhe ofereceu drogas (a).	7,4	10,5	11,7	12,5	13,5	10,5
Alguém lhe pediu para procurar drogas.	3	5,9	4,4	9,6	5,9	9,9

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

Nota: a letra entre parênteses e em itálico indica que há diferenças significantes entre brancos, negros e mulatos em relação àquele tipo de violência.

(a) Diferenças significantes entre grupos para 2001 (Município e Zona Sul)=

sim		SP 2001	Zona Sul 2001
drogas foram oferecidas	Branco	9,6	10,9
	negros	19,7	13,3
	Mulatos	11,7	18,3

A ameaças de violência física sob a forma de roubo à mão armada, intimidações, coerções e extorsões também eventos dos mais frequentes em 2001, caíram entre 2001 e 2003 em especial nos três distritos selecionados. Há pouca diferença entre brancos, negros e mulatos e estas diferenças não se mantêm no tempo e nem se referem às duas áreas que são foco da análise.

Tabela 2- Vitimização II

<i>Com ameaça de violência física</i>	1999	1999	2001	2003	2001	2003		
			%	%	%	%	%	%
O(a) sr(a) ou algum parente próximo foi ameaçado de morte.	9,3	10,1	14,7	10,5	18,5	14,5		
Alguém o(a) ameaçou com um revólver para roubar algo seu.	5,8	8	7,8	8,4	10,9	7,3		
O(a) sentiu necessidade de andar armado.	6,3	3,4	10,3	8	10	8,7		
O(a) sr(a) mudou de casa por medo ou ameaça de violência (b).	2,8	2,5	3,2	3,3	4,7	5,8		
Alguém o(a) ameaçou com uma faca para roubar algo seu.	4	3,8	2	2,6	2,1	1,7		
Alguém policial ou autoridade o ameaçou para tirar-lhe algum dinheiro (c).	3,1	3,8	2	2,6	2,1	1,7		

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

Nota: a letra entre parênteses e em itálico indica que há diferenças significantes entre brancos, negros e mulatos em relação àquele tipo de violência.

(b) Diferenças significantes entre grupos para Zona Sul 2001

Sim		Zona Sul 2001
mudou de casa por medo	Branco	5,2
	negros	7,9
	Mulatos	2,8

(c) Diferenças significantes entre grupos para 10 capitais e SP 1999

Sim		10 capitais	SP 1999
Extorsão por	brancos	4,2	5,1
Policia	negros	0,9	0
	mulatos	2	0

Mais brancos relataram ter sido vítima de extorsão policial em 1999, mas esta diferença também não se manteve no tempo.

Os eventos onde violência física efetivamente ocorreu também caíram, ao menos em parte, em especial nos três distritos selecionados. Nestes distritos a queda na frequência de parentes feridos e maus tratos por policiais foi de quase 50%. De modo semelhante ao observado em relação aos outros tipos de violência há algumas diferenças significantes entre os três grupos foco da análise: os negros tiveram mais parentes feridos por arma de fogo na cidade de São Paulo em 2001, enquanto os mulatos foram os que sofreram mais ferimentos por arma de fogo nos três distritos com maiores índices de violência ainda em 2001 e na cidade de São Paulo em 2003, seguidos pelos negros seguem o mesmo padrão, ou seja em diferentes momentos e regiões de São Paulo os não brancos foram mais vítimas de violência física grave.

Tabela 2- Vitimização III

	10 capitais São Paulo				Zona Sul	
	1999	1999	2001	2003	2001	2003
<i>Com violência física</i>	%	%	%	%	%	%
Algum parente próximo foi ferido por arma de fogo ou faca (d).	5,1	4,2	11,9	10,1	19,4	11,9
O(a) sr(a) sofreu alguma agressão física (tapa, soco, pontapé, etc.)(e).	5,8	4,2	5,7	6,4	8,6	6,7
Algum parente próximo foi assassinado.	4,1	4,2	4,9	5,1	8	8,7
O(a) sr(a) sofreu algum tipo de agressão ou maus tratos policiais (f).	3,2	4,6	5,5	4,6	8,3	4,4
Algum parente próximo foi seqüestrado.	0,5	0,4	2,5	1,6	2,4	1,7
O(a) sr(a) foi ferido por arma de fogo, como revólver (g).	0,7	0,4	1,6	1,3	1,8	1,2

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

Nota: a letra entre parênteses e em itálico indica que há diferenças significantes entre brancos, negros e mulatos em relação àquele tipo de violência.

(d) Diferenças significantes entre grupos para Município

Sim		SP 2001
Parente ferido	brancos	7,9
por arma de fogo	negros	28,3
	mulatos	16,7

(e) Diferenças significantes entre grupos para

Zona Sul 2003

sim		Zona Sul 2003
agressão	brancos	3,6
física	negros	19,1
	mulat os	7,4

(f) Diferenças significantes entre grupos para

Zona Sul 2001

sim		Zona Sul 2001
agressão por	Brancos	5,2
policia	negros	15,8
		12,5

(g) Diferenças significantes entre grupos para Município e Zona Sul

Sim		SP 2003	Zona Sul 2001
ferido por arma de fogo	brancos	0,5	0,5
	negros	1,1	0
	mulatos	3,5	4,6

Outra diferença significativa entre brancos, negros e mulatos está na agressão por policiais, nos três distritos selecionados onde, tanto em 2001 como em 2003, negros e mulatos foram mais vítimas de agressão policial que os brancos que lá moram.

Em resumo: os dados, examinados ao longo do tempo, mostram que há variações nas formas de vitimização direta que afetam os moradores da cidade. A queda da vitimização dos moradores dos bairros que historicamente têm apresentado os mais altos índices de violência, foi muito mais acentuada que na cidade e pode ser consequência entre outras, de mudanças ocorridas no policiamento destes distritos, em particular com a introdução de projetos pilotos de policiamento comunitário. Estas alterações na vitimização, tanto no que se refere a cidade como aos distritos, são estatisticamente significantes, ou seja de fato alguns tipos de ocorrências diminuíram:

a) há uma queda ao longo dos três períodos (1999, 2001 e 2003), em todas as regiões consideradas, em relação a:

1. ter tido um parente ameaçado de morte,
2. ter tido um parente ferido por arma de fogo ou por faca,
3. ter tido um parente seqüestrado,
4. ter sentido necessidade de andar armado,
5. ter sofrido agressão por policial,
6. ter sido ferido por arma de fogo.

A queda na vitimização direta ocorreu em todos os grupos branco, negro e mulato. Não há diferença significativa entre os grupos, ou seja todos estão igualmente expostos a estes fenômenos exceto “sofre agressão ou maus tratos por policiais” que atinge muito mais os negros que moram nos três distritos selecionados para uma análise mais aprofundada (Jardim Ângela, Capão Redondo e Jardim São Luis). Não só os negros que moram nestas localidades relatam cerca de duas vezes mais vitimização por policiais do que os brancos e 50% a mais que os mulatos mas esta diferença se mantém no tempo. Ou seja apesar dos relatos de agressão por policiais ter caído entre 2001 e 2003 a diferença entre brancos, negros e mulatos se mantém com os negros reportando mais agressão.

Cresceu a vitimização direta, no período considerado, em todas as regiões da cidade em relação a:

- alguém pediu para procurar drogas,
- ter tido um parente assassinado e
- mudar de casa por medo.

Cresceu na cidade, porém caiu nos distritos mais violentos:

1. ter sido vítima de agressão verbal,
2. receber oferta de droga,
3. ter sido vítima de roubo à mão armada (arma de fogo e arma branca),
4. extorsão por policial,
5. ter sido vítima de agressão física.

Além da vitimização direta é importante observar o que ocorre com a vitimização indireta: testemunhar casos de violência (Tabela 3) ou ouvir falar que ocorreu (Tabela 4). Ao longo do período analisado, há uma queda no testemunhar casos e um aumento do ouvir falar sobre casos. Esta queda e o aumento são coerentes com tanto com a redução da vitimização declarada como com a continuidade do medo da violência. Ainda que as ocorrências de fato diminuam o medo permanece por um bom tempo o que se expressa também pela continuidade das adoção de medidas de proteção individual. É como se houvesse uma inércia que demanda muito mais tempo de relativa segurança para que o medo se reduza.

O tipo de ocorrência violenta mais freqüentemente testemunhada é o roubo à mão armada. Este tipo de ocorrência ainda que freqüente provoca muito medo e insegurança. Testemunhar roubo à mão armada depois de crescer cerca de 50% entre 1999 e 2001 baixou em toda a cidade para percentuais inferiores aos de

1999. Em 2001 quase 3,87 entre cada 10 moradores disse ter assistido a ao menos um roubo à mão armada nos três meses que antecederam a pesquisa e em 2003 este número caiu para 2,36. Quedas semelhantes ocorreram em relação a outras ocorrências que produzem muita seqüela como: ter visto vítimas de assassinato, ter presenciado um assassinato e/ou alguém ameaçado com faca. Entre as ocorrências não violentas assistir alguém consumindo drogas em público é a mais freqüente, seguida de agressões. Testemunhar este tipo de evento alimenta a insegurança, pois encoraja a sensação de que o espaço público é uma terra de ninguém. Novamente há pouca diferença entre os grupos analisados e estas ocorreram em sua maioria, em 1999: quando mais negros que brancos e mulatos, tanto nas 10 capitais como em São Paulo, revelaram ter assistido mais “alguém recebendo um tiro”, “alguém sendo ameaçado com uma faca”, “que foi assassinado”, “usando drogas na rua” e mais mulatos “alguém sendo agredido”. Em 2003 mais negros assistiram a roubo à mão armada do que brancos e mulatos na cidade.

Tabela 3- Vitimização Indireta

A vitimização indireta: assistir ou ouvir falar de casos que ocorreram envolvendo conhecidos/amigos/parentes.

Nos últimos 3 meses, o(a) sr(a) assistiu em seu bairro algum desses acontecimentos:							
		Brasil					
		10 capitais		São Paulo		Zona Sul	
Assistiu		1999	1999	2001	2003	2001	2003
		%	%	%	%	%	%
Alguém sendo assaltado (a)		21,4	25,7	38,7	23,6	37,5	19,5
Alguém que foi assassinado(b)		11,1	10,1	25,2	11,8	33,2	12,8
Alguém recebendo um tiro (c)		13,6	13,9	21,9	10	28,2	11
Alguém sendo ameaçado com uma faca (d)		7,1	7,2	12,7	8,9	20,2	9,3
Tiroteios				36	19,8	48,6	29,7
Alguém sendo agredido (e)		34,9	36,7	28,8	21,3	33,2	18
Brigas de gangues				14,9	9,4	16,8	8,7
Alguém usando drogas na rua (f)		51,3	62	52,8	47,5	47,5	34,6
A polícia prendendo alguém		27,5	25,7	38,3	26,5	42,4	32,8

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999
Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

(a) Diferenças significantes entre grupos Município			
assistiu		SP 2003	
sendo	brancos	23,1	
assaltado	negros	33,3	
	mulatos	19,8	
(b) Diferenças significantes entre grupos para 10 capitais, 1999			
Assistiu alguém que		10 capitais, 1999	
foi assassinado	brancos	9	
	negros	14,7	
	mulatos	13,4	

(c) Diferenças significantes entre grupos: 10 capitais e município 1999

Assistiu alguém		10 capitais, 1999	SP 1999
recebendo	brancos	11,7	11,8
um tiro	negros	15,5	33,3
	mulatos	16,1	15,9
(d) Diferenças significantes entre grupos: 10 capitais e SP 1999			
assistiu alguém sendo ameaçado com		10 capitais, 1999	SP 1999 SP 2001
faca	brancos	6	6,2 10,1
	negros	12,9	26,7 14,8
	mulatos	7,5	4,5 18

(f) Diferenças significantes entre grupos para as 10 capitais, 1999			
assistiu		10 capitais, 1999	
usando drogas	brancos	60,7	
na rua	negros	80	
	mulatos	61,4	
(e) Diferenças significantes entre grupos: 10 capitais e SP 1999			
assistiu		10 capitais, 1999	SP 1999
sendo agredido	brancos	31,7	33,7
	negros	37,1	33,3
	mulatos	39,1	50

O mesmo padrão de ocorrência mais freqüente para “assistir” aparece em relação a “ouvir falar”: aparentemente as pessoas comentam mais aquelas ocorrências mais violentas, que provocam mais medo e que ocorrem com maior freqüência- os roubos à mão armada e os assassinatos. Enquanto a vitimização e o testemunhar estes eventos apresentaram forte redução nos últimos anos, ouvir falar sobre casos quase duplicou. Este aumento ocorreu em todos os grupos: brancos, negros e mulatos. Há alguma diferença entre negros e brancos e mulatos para 1999 nas 10 capitais para “ouvir falar” de assassinatos, alguém que recebeu um tiro, que foi agredido e que foi ameaçado com uma faca.

Tabela 4 –Ouvir falar

Ouvir falar		10 capitais	São Paulo			Zona Sul	
		1999	1999	2001	2003	2001	2003
		%	%	%	%	%	%
Alguém sendo assaltado		23,8	23,2	20,4	38,4	15,9	41,9
Alguém que foi assassinado(a)		12,1	5,9	14,8	28,3	16,2	40,7
Alguém recebendo um tiro(b)		12,1	8,9	12,9	23,3	12,6	30,8
Alguém sendo ameaçado com uma faca(c)		8	4,2	6,3	10,4	4,4	17,2
Tiroteios				12,2	29,5	13	29,9
Alguém sendo agredido (d)		10,8	8,9	9,1	21,9	8,8	26,5
Brigas de gangues				9,3	18,1	12,8	20,3
Alguém usando drogas na rua		8,3	4,6	8,1	17,3	7,4	25,3

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

(a) Diferenças significantes entre grupos para as 10 capitais, 1999		
		10 capitais, 1999
ouviu falar		
foi assassinado	brancos	11,9
	negros	18,1
	mulatos	11,9

(b) Diferenças significantes entre grupos para as 10 capitais, 1999		
		10 capitais, 1999
ouviu falar		
recebeu um tiro	brancos	10,4
	negros	19
	mulatos	13,2

(c) Diferenças significantes entre grupos para as 10 capitais, 1999			
		10 capitais, 1999	SP 2001
ouviu falar			
ameaçado	brancos	7,3	3,1
com faca	negros	9,5	8,2
	mulatos	8,7	6,3

(d) Diferenças significantes entre grupos para as 10 capitais, 1999		
		10 capitais, 1999
ouviu falar		
sendo agredido	brancos	11,9
	negros	11,2
	mulatos	9,1

Noronha et al (1999) analisaram os dados do Estudo Multicêntrico sobre Atitudes e Normas Culturais face à Violência (projeto ACTIVA) para a cidade de Salvador, comparando a vitimização de brancos, negros e mulatos. Semelhante a São Paulo, poucos resultados são significantes para os grupos considerados, em termos da violência direta, decorrente de delitos. Em Salvador os negros diferem dos brancos e mulatos, em termos de vitimização, pela maior frequência com que: perdem parentes por assassinato (8,7%) quase o dobro dos mulatos

e quase 50% a mais que os brancos e por vitimização indireta- assistirem a um roubo (27,7%), assistirem a agressões com ferimentos (13,6%). Os negros em Salvador são tão vítimas quanto os brancos de: roubo à mão armada (23%), maus tratos policiais (5,1%) ameaça de morte (8,3%) e de ferimento por arma de fogo (2,2%) e por arma branca (2,7%). O dado que mais diferencia a situação dos negros e dos mulatos são os dados sociais e econômicos. Este resultado também é semelhante ao observado em São Paulo onde, tanto na cidade como nos três distritos, há diferenças significantes entre os brancos, negros e mulatos em relação a maioria dos indicadores sociais e econômicos. O pior é que estas diferenças se mantêm no tempo. Deste modo em 2003, os negros apresentaram maior concentração de: baixa escolaridade (18,4%-até primário incompleto) e de baixa renda (41,3% com até 2 salários mínimos), e o menor acesso a todos os tipos de eletrodomésticos e bens de consumo durável pesquisados⁶.

Padrões de vitimização

Muito importante é considerar que raramente as pessoas são vítimas apenas de um tipo de ocorrência direta ou indireta. Várias pesquisas têm demonstrado que a distribuição dos delitos e das vítimas não é aleatória mas que há localidades e perfil de vítimas que têm maior probabilidade de serem alvo de violência repetidas vezes. As pesquisas sobre vitimização vêm apontando alguns fatores que afetam a probabilidade de ser vítima de violência. Entre estas se destacam a estabilidade no local de moradia que tende a ser medida através do tempo de moradia no bairro e da condição de propriedade da moradia: morar mais tempo no bairro, significa conhecer a vizinhança, ser mais capaz de identificar as situações de risco e portanto prevenir. Já a condição de moradia permite confirmar a estabilidade: se a pessoa é proprietária do imóvel espera-se que permaneça mais tempo naquele bairro e que também tenha mais interesse pelo que ocorre no bairro e portanto esteja mais disponível para agir de modo a garantir a qualidade de vida no local. Vários estudos têm demonstrado que quanto maior a instabilidade de moradia maior é a vitimização em particular de jovens (Lauritsen, 2003). Em todos os momentos estudados não se observam diferenças significativas entre os três grupos analisados quer no tipo de estabilidade na moradia- a maioria habita moradia própria e está no mesmo bairro há mais de 5 anos.

É importante examinar se nestes levantamentos há grupos de pessoas mais sujeitas a combinação de diferentes formas de vitimização direta e indireta. Há duas formas de vitimização recorrente: a) vitimização repetida que se refere aos casos em que pessoa é vítima de um mesmo tipo de delito várias vezes, (Chang, 2003) e a b) vitimização múltipla onde uma pessoa é vítima de vários tipos de crime em diferentes ocasiões (Hope, 2001). Levando em conta esta possibilidade de que as pessoas podem ser vítimas mais de uma vez tem havido, por parte dos pesquisadores dos efeitos da violência, uma preocupação em se identificar os efeitos deste contacto mais intenso com a violência através do conceito de exposição à violência, que como dito anteriormente, considera tanto a exposição direta como a indireta. Selner-O'Hagan et al.(1998) propuseram uma metodologia de desenvolvimento de uma escala de exposição, onde se considera não só a frequência da exposição mas também a gravidade do tipo de exposição, bem como o local de ocorrência se dentro da própria casa, na comunidade e na escola e onde se separa a exposição ao longo da vida da exposição mais recente (no último ano). Metodologia similar foi desenvolvida para se identificar o padrão de contacto com a violência em São Paulo.

A partir da combinação das respostas dos entrevistados a três questões (vitimização direta, assistiu e ouviu casos) construiu-se uma escala de exposição à violência. Para construir a escala de exposição foram considerados: o tipo de violência, a gravidade dela, a frequência e a proximidade- direta ou indireta. A escala de exposição tem sete categorias:

“exposição leve” condição que incorpora aqueles que não foram vítimas direta ou indireta de qualquer tipo de violência (leve ou grave)⁷;

“exposição meio leve”: quando as pessoas só ouviram contar casos (sem violência física) que ocorreram com parentes ou amigos;

“exposição moderada leve”: quando as pessoas assistiram casos de violência física mas não foram vítimas direta de nenhum tipo de ocorrência;

“exposição moderada” quando a pessoa sofreu violência leve (sem ameaça a integridade física), e testemunhou violência mais grave;

⁶ Os brancos têm quase três vezes mais computadores (28 em cada 100 brancos) que os negros (10,2 em cada 100). Enquanto 21 em cada 100 brancos têm acesso à Internet apenas 8 em cada 100 negros tem este acesso. Mesmo em relação a equipamentos que em tese, são de acesso mais amplo como geladeira a situação dos negros das amostras é pior e em 2003 enquanto 97% dos brancos tinham geladeira 88,7% dos negros dispunham deste eletrodoméstico.

⁷ Optou-se por esta denominação, ao invés de “nenhuma exposição” porque em cidades como São Paulo, ainda que a pessoa não tenha sido vítima direta ou indireta não se pode falar em nenhuma exposição a violência quando a violência está presente constantemente na mídia, nas conversas informais entre colegas de trabalho, amigos e familiares, ou seja, estas pessoas não estão completamente isoladas ou protegidas dos efeitos das altas taxas de crimes violentos.

“exposição grave” quando foi vítima de crime violento e ouviu falar de casos que ocorreram com amigos/parentes, mas não testemunhou casos envolvendo outros;

“exposição muito grave quando a pessoa foi vítima de crime violento, assistiu a eventos violentos e ouviu falar sobre casos ocorridos com amigos e parentes e,

“exposição muito, muito grave” reunindo aqueles que foram vítimas de crime violento mais de uma vez assistiram e ouviram falar de casos envolvendo amigos e parentes.

Esta escala tem sido utilizada para se monitorar o impacto da violência sobre atitudes, valores e crenças em relação à violência, justiça, leis e direitos humanos. Para o presente texto procurou-se estabelecer qual o padrão de exposição à violência (tabela 5) dos três grupos analisados. Como esperado se cai a frequência de vitimização direta e uma das formas indiretas (assistir) deveria cair também o número de entrevistados que se enquadram nas categorias de exposição mais grave, porém isto não ocorre porque a distribuição da amostra dentro dos fenômenos não é homogênea. Porém, ao contrário do que se poderia esperar, a raça/cor não explica de modo sistemático a presença em um ou outro ponto da escala, mas sim a idade e o sexo. Jovens do sexo masculino formam a maioria da categoria de exposição à violência muito grave e muito, muito grave. Para a cidade de São Paulo em 1999 e para os três distritos da Zona Sul em 2001 ser negro estava relacionado com ser vítima de violência muito, muito grave. Mas, semelhante à vitimização, este padrão não pode ser generalizado para todos os períodos estudados ou para todas as regiões pesquisadas.

Tabela 5

Escala de Exposição à Violência		São Paulo			Zona Sul	
	10 capitais	1999	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%	%	%
leve	19,7	23,9	17,3	12,7	12,1	15,7
leve1	20,3	18,8	14,5	30	15,3	24,7
moderadamente leve	12,8	12,7	26,9	16,8	26	17,7
moderada	20,1	18,2	12,8	16,8	11,5	12,8
grave	3,1	4,3	4,4	5,8	4,1	6,7
muito grave	15	15,5	13,2	8,7	13	10,5
muito muito grave	9,1	6,5	11	9,3	18	11,9

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

Se, em geral, a vitimização de brancos, negros e mulatos não apresenta diferenças significantes, estáveis no tempo, exceto no que se refere a ser vítima de agressão policial em distritos com maiores índices de violência em alguns dos períodos, isto não pode ser considerado com indicando que não há diferença entre os três grupos no que tange a vitimização violenta. Se os dados forem observados sobre outra perspectiva, os negros e mulatos aparecem de forma fragmentada como mais vítima, por exemplo considerando-se ano a ano quais são os grupos mais vitimados e a forma de vitimização os negros e os mulatos aparecem de modo significativo, ano após ano, como mais vítimas direta ou indiretamente de alguns eventos específicos e muito sérios enquanto os brancos se distinguem apenas por serem mais vítimas de extorsão por policiais:

1999

Neste ano, nas 10 capitais pesquisadas, são os negros que mais testemunharam casos de:

Alguém que foi assassinado- 14,7%

Alguém consumindo drogas nas ruas – 80%

Nas 10 capitais, e em São Paulo, os negros assistiram mais:

Alguém recebendo um tiro- 15,5% (10 capitais) e 33,3 % (São Paulo) juntamente com os mulatos 16,1% (10 capitais) e 15,9% (São Paulo),

Alguém sendo ameaçado com uma faca- 12,9% (10 capitais) e 26,7 % (São Paulo)

Os mulatos em 1999, nas 10 capitais e em São Paulo foram os que mais assistiram:
Alguém sendo agredido- 39,1% (10 capitais) e 50% (São Paulo),

Enquanto os brancos, em 1999 sofreram mais extorsão por policiais:
4,2% nas 10 capitais e 5,1% em São Paulo.

Também em 1999, e ainda nas 10 capitais os negros ouviram falar que:
Alguém foi assassinado- 18,1%
Alguém recebeu um tiro- 19%
Alguém fora ameaçado com uma faca – 9,5%
E junto com os brancos que alguém foi agredido (11,2% -negros; 11,9% brancos)

Em 2001

Na cidade de São Paulo

Mais negros:

Tiveram parentes feridos por arma de fogo- 28,3%,
receberam oferta de drogas- 19,7%,
ouviram falar que alguém fora ameaçado com uma faca- 8,2%

Mais mulatos:

assistiram alguém sendo ameaçado com uma faca- 18%,

Nos três distritos da Zona Sul:

mais negros foram agredidos por policiais -15,8%,
mais negros mudaram de casa por medo- 7,9%,
mais mulatos foram feridos por arma de fogo- 4,6%,
e mais mulatos receberam oferta de drogas -18,3.

Em 2003

Na cidade de São Paulo:

mais mulatos foram feridos por arma de fogo- 3,5%,
mais negros assistiram alguém sendo assaltado- 33,3%,

Já na Zona Sul mais negros foram vítimas de:

Agressão física- 19,1%,
Agressão policial 12,5%.

Se em 1999 os negros e mulatos se destacavam pela vitimização indireta em 2001 e 2003 eles se destacam pela vitimização violenta direta.

Considerando-se este contato com a violência, interessa examinar qual a percepção que os diferentes grupos têm das relações entre preconceito racial e econômico e violência. Foram reunidas na tabela abaixo (tabela 6) as respostas às diversas afirmações sobre um eventual papel do preconceito em diferentes tipos de violência. Há uma maior percepção de que existe preconceito racial e econômico por seguranças privados e por parte de agentes policiais entre os negros e os mulatos na cidade de São Paulo, percepção esta que se mantém estável no tempo. Há também maior percepção entre os negros, moradores dos três distritos com mais altos índices de violência (em 2003) de que há preconceito contra migrantes. Os negros e mulatos também percebem mais a presença do preconceito racial como um fator que alimenta a violência.

Tabela 6

Percepção de preconceito e violência

		São Paulo		Zona Sul			
		2001*	2003*	2001	2003		
		%	%	%	%		
Acontece com frequência							
Agentes de segurança de bancos, supermercados, shoppings desconfiarem de uma pessoa por causa de sua cor							
Sim, acontece c/ freq.		43,3	36,1	49,3	42,4		
		SP 2001	SP 2003				
	brancos	39,8	32,9				
	negros	52,5	49,4				
	mulatos	49,4	37,6				

		São Paulo		Zona Sul			
		2001*	2003*	2001	2003		
		%	%	%	%		
Pessoas serem maltratadas por policiais por serem pobres							
Sim, acontece c/ freq.		41,9	31,6	52,1	42,7		
		SP 2001	SP 2003				
	brancos	37,8	27,3				
	negros	55	37,5				
	mulatos	48	39,3				
Pessoas serem maltratadas por funcionários públicos por serem de outros estados							
Sim, acontece c/ freq.		30,9	19,9	39,2	26,7		
		Zona Sul	2003				
	brancos	25,6					
	negros	32,1					
	mulatos	25,3					
As pessoas cometem violência porque têm preconceito/ódio racial							
		10 capitais	São Paulo			Zona Sul	
		1999	1999*	2001*	2003	2001	2003
		%	%	%	%	%	%
Concorda total/em parte		61,7	68	58,02	46,2	62,1	50,6

Discorda total/em parte					40,8		
*Diferença entre grupos			SP 1999	SP 2001			
		brancos	63,1	58,5			
		negros	73,4	63,4			
		mulatos	61,2	55,8			
Há violência nas escolas porque...							
Há preconceito racial							
		10 capitais	São Paulo			Zona Sul	
		1999	1999	2001	2003	2001	2003
		%	%	%	%	%	%
Concorda total/em parte		56,5	57,8	58,9	53,2	65,3	49,7

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

A percepção das instituições encarregadas de aplicar a leis: como são percebidas as polícias, o Ministério Público e Defensoria Pública e Judiciário.

A comparação, ao longo do tempo, da avaliação da atuação das polícias revela uma tendência crescente em se avaliar estas atuações como “regulares”. Isto é válido para todas as polícias analisadas: Militar, Civil, Federal e Guarda Civil Metropolitana. Há menos pessoas considerando a atuação destas polícias como muito boa ou boa, mas também há menos avaliando como ruim ou muito ruim e maior tendência a uma avaliação intermediária. Semelhante ao que ocorre com a vitimização, não há diferença significativa sistemática entre os três grupos: se em 1999 para a cidade de São Paulo e em 2001, para os três distritos da Zona Sul, os negros faziam uma avaliação mais negativa da Polícia Militar este resultado é episódico e não se sustenta no tempo. A melhora na imagem não é extraordinária, pois se expressa por uma redução na polarização da imagem: caem as avaliações mais positivas bem como as mais negativas e crescem as avaliações de “regular”.

Tabela 7 - Imagem das Polícias

Imagem das Polícias						
		10 capitais	São Paulo		Zona Sul	
Polícia Militar	1999	1999*	2001	2003	2001*	2003
	%	%	%	%	%	%
muito boa/boa	21,2	13,5	35,8	30	30,4	29,1
ruim/muito ruim	35,4	39,2	17,2	26,7	15,6	14,6
não sabe/não respondeu			4,1	4,2		2,6
*Diferença entre grupos		SP 1999		Zona Sul 2001		
mtto ruim/ruim	brancos	35,4	mtto ruim/ruim	brancos	12	
	negros	46,7		negros	15,8	
	mulatos	52,3		mulatos	22	

Polícia Civil	1999	1999*	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%	%	%
muito boa/boa	23,6	16,8	34,3	29,2	32,7	30,5
ruim/muito ruim	29,8	34,6	21,3	28,1	16,5	14,3

não sabe/não respondeu		7,3	8,1		7,6
*Diferença entre grupos		SP 1999			
Mto ruim/ruim	brancos	32			
	negros	33,4			
	mulatos	45,4			

Polícia Federal	1999	1999*	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%	%	%
muito boa/boa	42	29,1	39,7	35,1	42,3	35,8
ruim/muito ruim	17,7	25,3	13,9	13,8	42,7	11,3
não sabe/não respondeu				12,5		15,4
*Diferença entre grupos		SP 1999				
Mto ruim/ruim	brancos	23				
	negros	21				
	mulatos	36,1				

Guarda Civil Metropolitana	1999	1999*	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%	%	%
muito boa/boa	30,8	19,8	31,4	30,4	31,5	32,8
ruim/muito ruim	23,8	29,1	19,6	14,8	12,6	14,2
não sabe/não respondeu			12,8	13,9		12,2
*Diferença entre grupos		SP 1999				
Mto ruim/ruim	brancos	29,3				
	negros	40				
	mulatos	25				

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

Quando se faz uma avaliação da atuação da polícia dentro do bairro, ou seja não mais da polícia em geral mas do que experimentam no dia a dia em eventuais contatos com a polícia, surpreende que maioria está satisfeita e que a satisfação com a atuação da polícia vem crescendo. Isto é coerente com a queda na vitimização e com alterações nos padrões de policiamento, pois é nos três distritos da Zona Sul que se encontra a avaliação mais positiva e em particular junto aos negros. Isto surpreende dado que este é o grupo que mais relata ter sido vítima de agressão policial, o que sugere a existência de uma polarização entre os negros. Enquanto para um grupo de negros a polícia vem melhorando para outro, possivelmente os mais jovens e do sexo masculino, a polícia continua sendo uma instituição que abusa do uso da força física.

Tabela 8 -Satisfação com a atuação da polícia no bairro

Policiamento no bairro	São Paulo		Zona Sul	
	2001	2003	2001	2003*
	%	%	%	%
Muito satisfeito/satisfeito	36,6	46,8	32,8	43,6
*Diferença entre grupos				Zona Sul 2003
		Mto satisf/satisf.	brancos	42,0
			Negros	55,4
			mulatos	40

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

Outra forma de se avaliar a atuação da polícia no bairro é através de aspectos mais concretos desta atuação: medida pela percepção que têm da: a) frequência com que a polícia responde com agilidade aos chamados, b) do sucesso em dar segurança aos moradores, e c) da cortesia e educação na abordagem. Observa-se que não há diferença entre os três grupos, ao longo do tempo as avaliações do desempenho da polícia em relação a estes tópicos também caminha para uma avaliação média: cai um pouco a avaliação mais positiva de “sempre” e cresce o “às vezes”.

Em relação a possíveis aspectos negativos da atuação das polícias: aceitar suborno, proteger o tráfico de drogas ou ter medo dos traficantes locais, ocorre a mesma tendência relatada acima: pouca diferença entre negros, brancos e mulatos e um movimento para o ponto médio da escala “às vezes”. A maior melhora do desempenho da polícia novamente se dá na Zona Sul, reiterando que mudanças nas práticas policiais, ainda que incipientes e experimentais, podem ter forte impacto sobre a imagem destas instituições.

Tabela 9 - Avaliação do desempenho da polícia no bairro

A polícia atende prontamente aos chamados da comunidade					
		São Paulo		Zona Sul	
		2001	2003	2001	2003
		%	%	%	%
Sempre		46,1	35,8	45,6	35,5
Nunca		9	10,6	5	6,7
Não sabe/ respondeu	não	7	8,1	4,7	8,4
A polícia conseguir manter as ruas do bairro tranquilas					
		São Paulo		Zona Sul	
		2001	2003	2001	2003
		%	%	%	%
Sempre		25,7	22	21,6	19,2
Nunca		22,9	18	26	20,1
Não sabe/ respondeu	não	7,1	3,3	2,7	2,9
A polícia ser educada quando aborda pessoas nas ruas					
		São Paulo		Zona Sul	
		2001	2003*	2001	2003
		%	%	%	%
Sempre		22,5	18,6	22,1	18
Nunca		21,5	21,4	25	25
Não sabe/ respondeu	não	14,1	11,3	6,5	11,6
*Diferença entre grupos		SP 2003			
	Nunca	Branco	18,7		
		Negros	21,8		
		Mulatos	27,7		
Os policiais do bairro aceitarem suborno					
		São Paulo		Zona Sul	
		2001*	2003	2001	2003
		%	%	%	%
Sempre		14,5	13,8	20,4	9,3
Nunca		22,6	23,3	22,1	18,6
Não sabe/ respondeu	não	43,6	42,8	34,1	45,3
*Diferença entre grupos		SP 2001			

Sempre	brancos	10,5			
	negros	28,3			
	mulatos	20			
Policiais protegerem o tráfico de drogas					
		São Paulo		Zona Sul	
		2001	2003	2001*	2003
		%	%	%	%
Sempre		16,3	15,3	17,4	11,3
Nunca		20,6	22,5	25	20,3
Não sabe/ não respondeu		42,6	40,8	30,6	40,7
*Diferença entre grupos				Zona Sul 2001	
	Sempre	brancos	11,9		
		negros	31,6		
		mulatos	22		
Os policiais terem medo dos traficantes de drogas					
		São Paulo		Zona Sul	
		2001	2003	2001	2003
		%	%	%	%
Sempre		25,9	21,3	32,4	24,4
Nunca		18,8	22,9	19,7	18,6
Não sabe/ não respondeu		35,5	37	20	31,4

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

O acesso à polícia (tabela 10) tem sido medido através da percepção que as pessoas têm de sua eficácia junto a polícia: da expectativa que têm de sua capacidade de convencer agentes policiais a investigarem um caso no qual foram vítimas. Em 1999 na cidade de São Paulo, os negros foram o grupo que mais expressou ineficácia frente à polícia: 86,6% deles discordaram de que poderiam convencer um delegado a investigar um caso em que foram vítimas. Esta certeza da ineficácia caiu no tempo mas não desapareceu cerca de metade dos entrevistados em 2001 e em 2003 avalia que conseguiria convencer um delegado a investigar um caso no qual foram vítimas e outra metade acreditando que não tem esta capacidade. Já a eficiência da polícia em garantir a segurança da população levanta menos dúvida: a maioria tende discordar de que a polícia garanta a segurança de pessoas como ela (e) entrevistado. Assim, a despeito da melhora na imagem da polícia quer no sentido mais abstrato, quer através da avaliação de aspectos específicos da atuação da polícia em seus bairros, esta melhora não se traduz na sensação de maior segurança ou de maior eficácia individual frente a esta instituição - não há garantia de se obter dos policiais a resposta que aspiram e isto é válido para todos os grupos considerados.

Tabela 10-Acesso a polícia

O(a) sr(a) conseguiria convencer um delegado a investigar um caso no qual tenha sido vítima							
		São Paulo			Zona Sul		
	10 capitais	1999	1999*	2001	2003	2001*	2003
		%	%	%	%	%	%
Concorda total/em parte		53,6		47,3	43,3	43,7	46,5
Discorda total/em parte			52,3	43,7	43,5	49,9	43,9
*Diferença entre grupos				SP 1999			
Discorda total/em parte		brancos	47,1				
		negros	86,6				
		mulatos	61,4				

A polícia garante a segurança de pessoas como o(a) sr(a)						
	10 capitais	São Paulo			Zona Sul	
	1999*	1999	2001	2003	2001*	2003
	%	%	%	%	%	%
Concorda total/em parte			46,1			
Discorda total/em parte	63,6	72,6	48,5	54,5	55	52,9
*Diferença entre grupos		1999		SP 2001		
Discorda total/em parte	brancos	61,2	brancos	44		
	negros	69,5	negros	66,1		
	mulatos	66	mulatos	54,3		

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

Avaliação do acesso a justiça.

O acesso ao sistema de justiça: a avaliação que fazem da resposta do sistema judicial às iniciativas dos cidadãos

Neste tópico estão incluídas aquelas avaliações que dizem respeito a atuação do Judiciário, do Ministério Público e da Defensoria Pública. Estes dois últimos são pouco conhecidos da população como se vê na tabela 11: enquanto no máximo 6% dos entrevistados dizem não poder avaliar a justiça por não conhecerem esta instituição, entre 14% e 17 % dizem não conhecer a Defensoria Pública e entre 12% e 17% não conhecem o Ministério Público a despeito da presença deste órgão na mídia. A justiça é a instituição que recebe a pior avaliação entre os entrevistados em todos os levantamentos realizados, e em todos as regiões consideradas: 10 capitais, só São Paulo em 1999, São Paulo e três distritos em 2001 e 2003. Novamente não há diferença entre os três grupos analisados. A imagem da justiça também vem tendendo a uma posição intermediária no que se refere a cidade de São Paulo, mas nos três distritos continua a crescer a avaliação de “ruim” e “muito ruim”. A mesma tendência de avaliação “regular” é observada para o Ministério Público e para a Defensoria. Ou seja, os entrevistados avaliam as instituições que compõem o sistema de Justiça como tendo atuação média.

Tabela 11

Imagem da Justiça						
	10 capitais	São Paulo			Zona Sul	
Justiça	1999	1999	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%	%	%
muito boa/boa	20,2	13,1	24	20,4	29,2	25
ruim/muito ruim	37,9	45,2	33,7	30,1	26,6	28,2
não sabe/não respondeu			6,1	4,1		5,2
Defensoria Pública						
	10 capitais	São Paulo			Zona Sul	
	1999	1999	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%	%	%
muito boa/boa	25,8	14,3	22,7	20,7	27,1	18,3
ruim/muito ruim	30,6	31,6	26,8	19,9	19,1	18,1
não sabe/não respondeu			17	14,2		17,4
Ministério Público						
		São Paulo		Zona Sul		
		2001	2003	2001	2003	
		%	%	%	%	

muito boa/boa			23,4	19,8	23	18,1
ruim/muito ruim			30,5	19,3	21,2	19,5
não sabe/não respondeu			12,9	12,1		15,7

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

Estas avaliações se referem as instituições como um todo. Quando se solicita aos entrevistados que imaginem a situação em que tenham uma ação em curso na justiça e devam apresentar sua versão frente o juiz qual comportamento teria um juiz (hipotético) em relação a ele (entrevistado) no que se refere a equidade de tratamento. As respostas revelam forte expectativa de que serão tratados como cidadãos, recebendo do juiz todo o respeito que a lei lhes garante. Na cidade de São Paulo, um mínimo de 72,7% (2003) e um máximo de 86,5% (1999) espera que o juiz respeite seus direitos como cidadão. Há diferenças ao longo do tempo: as expectativas positivas vêm caindo no tempo, é bem menor nos três distritos com maiores índices de violência, e significativamente menor entre os negros moradores da cidade de São Paulo, tanto em 2001 como em 2003.

Este padrão se repete para outros aspectos que foram medidos como “o juiz dar oportunidade para contarem a versão deles”, o “juiz ouvir todos os lados antes de tomar uma decisão”. Os entrevistados continuam a apresentar expectativas positivas em relação ao comportamento dos juizes, mas o número de pessoas com esta expectativa vem caindo, e cai mais junto aos negros moradores na cidade.

Outra avaliação se refere a eficácia que sentem em relação ao juiz: sentem que podem influenciar um juiz com seus argumentos? Este é o item que mais provoca dúvidas nos entrevistados, em geral pouco mais da metade acredita que pode influenciar um juiz com seus argumentos, nos últimos levantamentos vem melhorando a sensação de eficácia dos moradores da cidade de São Paulo inclusive dos negros mas este grupo permanece apresentando, junto com os mulatos as mais baixas respostas de eficácia frente ao juiz, diferenças estas significantes. Este padrão de resposta, dos negros moradores da cidade, é muito semelhante ao dos moradores dos três distritos com maiores taxas de violência: nestes locais tem caído a expectativa de que conseguiriam influenciar um juiz com seus argumentos.

Tabela 12

Expectativas em relação ao comportamento dos juizes						
Se o (a) sr(a) tivesse uma ação correndo na justiça e fosse chamado pelo juiz para dar a						
sua versão, como imagina que o juiz agiria:						
O juiz respeitaria os seus direitos como cidadão						
	10 capitais	São Paulo			Zona Sul	
	1999	1999	2001*	2003*	2001	2003
	%	%	%	%	%	%
Sim	92,4	86,5	80	72,7	79,9	64,8
*Diferença entre grupos			SP 2001	SP 2003		
		Branco	83,3	75,5		
		Negros	70,5	62,1		
		mulatos	74,9	70,9		
O juiz daria oportunidade para o(a) sr(a) contar sua versão						
	10 capitais	São Paulo			Zona Sul	
	1999	1999*	2001	2003*	2001	2003
	%	%	%	%	%	%
Sim	92,5	86,9	81	79,9	85,3	75,3
*Diferença entre grupos			SP 1999	SP 2003		
		Branco	89,3	82,5		
		Negros	86,7	72,4		
		Mulatos	77,3	77,5		

O juiz seria influenciado por seus argumentos						
	10 capitais	São Paulo			Zona Sul	
	1999	1999	2001*	2003*	2001	2003
	%	%	%	%	%	%
Sim	54,1	51,9	44,1	54,9	49,7	44,2
*Diferença entre grupos			SP 2001	SP 2003		
		brancos	47,1	57		
		negros	33,3	50,6		
		mulatos	39,7	51,7		
O juiz ouviria todos os lados para tomar uma boa decisão						
	10 capitais	São Paulo			Zona Sul	
	1999	1999	2001	2003*	2001	2003
	%	%	%	%	%	%
Sim	91,1	89	80,3	76,9	78,8	75,3
*Diferença entre grupos				SP 2003		
			brancos	80,6		
			negros	71,3		
			mulatos	70,5		

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

Se a polícia e a justiça não são percebidas como atuando de modo satisfatório o suficiente, será que se desenvolve um tipo de cinismo em relação às leis que libere as pessoas para agir cada qual a seu modo e não mais orientadas pela lei? A resposta é não, apesar da maioria sentir que as leis não os protege, a maioria continua defendendo o respeito as leis em geral e rejeitando o “fazer justiça com as próprias mãos”. Os negros se diferenciam por serem ainda mais defensores do respeito às leis mesmo quando elas “não estão certas” e o grupo que mais rejeita fazer justiça com as próprias mãos. Apesar de mais frequentemente sofrerem abusos e agressões por representantes da lei esta experiência não os leva a defenderem o desrespeito às leis.

Tabela 13

As pessoas devem obedecer as leis mesmo quando elas acham que as leis não estão certas						
	10 capitais	São Paulo			Zona Sul	
	1999	1999	2001	2003*	2001	2003
	%	%	%	%	%	%
Concorda total/em parte	71	73,9	71,3	77,6	62,9	64,6
*Diferença entre grupos				SP 2003		
Concorda total/em parte			brancos	78,8		
			negros	80,2		
			mulatos	77,6		
É difícil você sentir que as leis o(a) protegem						
	10 capitais	São Paulo			Zona Sul	
	1999	1999	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%	%	%
Concorda total/em parte	79,6	80,6	78,2	86,7	76,1	70,9

Se as autoridades falharem, nós temos o direito de tomar a justiça em nossas mãos						
	10 capitais	São Paulo			Zona Sul	
	1999	1999*	2001	2003*	2001	2003
	%	%	%	%	%	%
Discorda total/em parte	67,5	64,3	67	73,3	66,5	60,9
*Diferença entre grupos		SP 1999		SP 2003		
discorda total/em parte	brancos	69,6	brancos	75,8		
	negros	53,3	negros	74,7		
	mulatos	68,2	mulatos	65,2		

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

Os Direitos Humanos e as práticas judiciais e policiais legitimadas

Se os entrevistados defendem o respeito às leis, será este respeito também defendido para os casos que envolvam pessoas suspeitas de terem violado as leis e causado danos (pessoais ou materiais) a outras pessoas? Os entrevistados mantêm-se coerentes: são majoritariamente contrários ao uso da tortura, ainda que percebam que às vezes o judiciário dê mais proteção aos suspeitos de delinquirerem que aos cidadãos legítimos. Os negros diferem dos outros grupos por serem os que mais se opõem ao uso da tortura, e os que menos acreditam que os tribunais se preocupam excessivamente com os réus. A grande maioria dos entrevistados defende que os acusados de crimes sérios devem esperar o julgamento na prisão, e que muitos acusados escapam da prisão por aspectos técnicos da lei, e não porque sejam de fato inocentes. Os negros diferem por ser o grupo que, apesar de ainda concordar, com estas últimas afirmações o faz em menor número.

Justiça e Direitos Humanos

Tabela 14

Os tribunais podem aceitar provas obtidas através de tortura							
	10 capitais	São Paulo			Zona Sul		
	1999	1999*	2001	2003	2001	2003	
	%	%	%	%	%	%	
Discorda total/em parte	76	81,1	68,5	66,6	71,4	71,8	
*Diferença entre grupos							
Discorda total/em parte		SP 1999					
	brancos	83,1					
	negros	86,7					
	mulatos	70,4					
O judiciário se preocupa demais com os direitos dos acusados							
	São Paulo		Zona Sul				
	2001	2003	2001	2003*			
	%	%	%	%			
Concorda total/em parte	55,6	70,1	55,4	64,5			
*Diferença entre grupos							

Concorda total/em parte				Branços	67,4	Zona Sul 2003	
				Negros	60,6		
				Mulatos	61,1		
Os juizes deveriam permitir que pessoas suspeitas de terem cometido crimes sérios fiquem presas							
		São Paulo		Zona Sul			
		2001	2003*	2001	2003		
		%	%	%	%		
Concorda total/em parte		72,1	78,9	70,5	75,9		
*Diferença entre grupos							
Concorda total/em parte			SP 2003				
		brancos	81,8				
		negros	73,9				
		mulatos	74,6				
Um grande número de pessoas escapa da prisão por brechas nas leis							
		São Paulo		Zona Sul			
		2001*	2003*	2001	2003*		
		%	%	%	%		
Concorda total/em parte		76,5	86	66,4	76,5		
*Diferença entre grupos							
Concorda total/em parte		SP 2001	SP 2003		Zona Sul 2003		
		brancos	86,5		80,8		
		negros	78,4		69,6		
		mulatos	86		71,6		

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

Se do judiciário se espera que cumpra a lei e que proteja a sociedade, o que se espera da polícia e mais, que poder os entrevistados outorgam à polícia? A polícia não pode revistar pessoas por considerá-las suspeitas em função da aparência física. A rejeição a esta prática policial é significativamente maior entre os negros, mas surpreende por ter passado (em 2003) a ser uma prática aceita nos três distritos com maiores índices de violência, o que provoca suspeitas sobre a existência de outros motivos para a melhoria da imagem a polícia nestas regiões, além da implementação do policiamento comunitário: estaria em curso uma conversão dos entrevistados desta região aos valores que podem predominar dentro de polícia? Esta questão é válida também para os outros grupos analisados, pois a rejeição a revista policial baseada na aparência, caiu em aproximadamente 40% entre 2001 e 2003 na cidade e nos três distritos, tendo caído também entre os negros, ainda que em percentual inferior à média da cidade: cerca de 8%.

Mesma tendência se observa em relação a polícia bater em um preso que tenha tentado fugir. Este comportamento era rejeitado pela maioria dos entrevistados em 1999, porém em 2001 a rejeição começou a cair e em 2003, desaparece a diferença significativa entre brancos, negros e mulatos onde os negros eram os que, apesar de discordarem da polícia poder bater em um preso que tentasse fugir, apresentavam menos consenso. Entre 2001 e 2003 parece que começa a ocorrer uma divisão entre os entrevistados entre apoiar e rejeitar esta ação pela polícia, ou seja cresceu o apoio ao uso da violência pela polícia.

Este crescimento em nada se parece com o apoio que as pesquisas indicam haver nos Estados Unidos a este tipo de ação por parte de policiais. Pergunta semelhante tem sido utilizada nos Estados Unidos rotineiramente, nos levantamentos realizados a cada dois anos pelo National Opinion Research Center da

Universidade de Chicago com amostras nacionais e denominada de General Social Survey (GSS). Em 1998 os dados da GSS para esta pergunta mostraram uma aprovação de 72% dos entrevistados ao policial bater em um preso que tenha tentado fugir (Thompson e Lee, 2004). Nossos entrevistados também diferem no aspecto racial: nos Estados Unidos as minorias raciais tendem a desaprovar fortemente o uso de força pela polícia, resultado de um padrão de relacionamento entre as minorias raciais e as polícias nos Estados Unidos marcadas por um histórico de uso da força e pelo arbítrio, herança do período da escravidão e da período pós Guerra Civil.

Tabela 15 - A Polícia pode:

A polícia tem direito de revistar pessoas que considera suspeitas em função da aparência						
	10 capitais	São Paulo			Zona Sul	
	1999*	1999	2001	2003*	2001	2003
	%	%	%	%	%	%
Concorda total/em parte						53,2
Discorda total/em parte	55,3	62	85,8	55,7	89,1	
*Diferença entre grupos						
Discorda total e em parte	10 cap. 1999		SP 2003			
brancos	51,3		brancos	59		
negros	64,9		negros	60,2		
mulatos	58,9		mulatos	45,4		
Um policial pode bater em um preso que tenha tentado fugir						
	10 capitais	São Paulo			Zona Sul	
	1999	1999*	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%	%	%
Discorda total/em parte	67,5	71,7	60,6	49,1	64,6	50,6
*Diferença entre grupos						
Discorda total e em parte	SP 1999					
brancos		71,9				
negros		67,7				
mulatos		72,7				

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999
Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

A diminuição da rejeição a comportamentos de uso da força por parte da polícia, que podem dar margem a abusos, também se dá em relação a outros contextos: por exemplo em uma rebelião em um presídio, qual comportamento deve ter a polícia? Vem aumentando a defesa do uso da força física (cassetete), da arma de fogo para controlar e até para matar. Os negros diferiam dos brancos e mulatos em 1999 e 2001, inicialmente por aprovarem mais o uso de força, e depois por terem passado a rejeitar este uso. Porém, em 2003, os negros passam a não mais diferir dos outros grupos.

Os dados parecem reforçar a hipótese de parte da melhoria da avaliação da atuação da polícia, no sentido de ser uma avaliação mais mediana pode estar sendo consequência de uma maior aproximação entre as atitudes da população e as atribuídas à polícia. O medo da violência poderia estar alimentando atitudes e valores não condizentes com o respeito aos Direitos Humanos.

Tabela 16

Numa rebelião em um presídio a polícia deveria

	10 capitais		São Paulo		Zona Sul	
	1999	1999*	2001*	2003	2001	2003
	%	%	%	%	%	%
Não fazer nada	5,4	5,1	4,3	3,3	6,2	3,8
Usar só o cassetete	26,3	29,1	29	31,7	36,6	32,3
Atirar mas não matar	28	22,8	21	18,7	18,9	23
Atirar e matar	7,5	9,3	7,2	10,3	3,2	7,8
*Diferença entre grupos		SP 1999	SP 2001			
atirar e não matar	brancos	20,8	brancos	24		
	negros	33,3	negros	16,4		
	mulatos	27,3	mulatos	14,9		
atirar e matar	brancos	7,3	brancos	7,7		
	negros	13,3	negros	7,5		
	mulatos	15,9	mulatos	3,3		
usar só cassetete	brancos	29,2	brancos	27		
	negros	40	negros	29,5		
	mulatos	25	mulatos	32,2		

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

O que deveria ser permitido à polícia fazer para obter informações de um suspeito? Supõe-se que o grau de liberdade de ação que se atribui à polícia deva variar com a gravidade do delito que se suspeita que a pessoa tenha cometido. O seqüestro e o estupro são dois delitos de grande gravidade na percepção da população, e aos traficantes de drogas uma parcela de responsabilidade pela violência que existe dentro dos bairros, e dentro das escolas, e estes foram alguns dos delitos selecionados para se medir o que seria aceitável que a polícia fizesse para obter informações.

Apesar da grande maioria dos entrevistados declarar que os tribunais não deveriam aceitar provas obtidas através de tortura um número crescente de pessoas aceitaria que a polícia utilizasse procedimentos que são formas de tortura para obter informações: bater, ameaçar com palavras, ameaçar familiares dos suspeito, deixar sem água ou comida e dar choques queimar com cigarro são práticas cuja aceitação cresceu entre 2001 e 2003. Não há diferenças entre os três grupos analisados exceto para 2001 nos distritos da Zona Sul quando brancos e negros aceitaram mais o uso de alguns tipos de procedimento para se obter informações de um suspeito de seqüestro que os mulatos.

Tabela 17- O que a polícia pode fazer ao interrogar um suspeito:				
	São Paulo		Zona Sul	
	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%
Alguém suspeito de ser esturador				
Deixar sem água nem comida	3	2,6	2,7	3,2
Dar choques/ queimar com pontas de cigarro	6	4,3	5,9	3,2
Ameaçar membros da família para obter informações	0,7	0,3	0,6	0,9
Ameaçar com palavras para obter informações	10,3	13	10,7	12,3
Bater	6,8	8,8	8,9	20,3
Alguém suspeito de participar de uma gangue de seqüestradores				
	São Paulo		Zona Sul	
	2001	2003	2001*	2003
	%	%	%	%
Deixar sem água nem comida	2,6	2,6	3,5	3,5
Dar choques/ queimar com pontas de cigarro	1,7	2,2	1,5	1,7
Ameaçar membros da família para obter informações	1,7	0,3	1,2	0,9

Ameaçar com palavras para obter informações	13,5	12	9,7	12,2
Bater	3,8	6,5	5	12,8
*Diferença entre grupos				
Zona Sul 2001				
brancos= mais bater (6,3%), ameaçar (10,5%) e deixar sem água ou comida (4,75)				
negros= mais ameaçar a família (5,3%) e dar choques (2,6%)				
Alguém pego vendendo drogas				
	São Paulo		Zona Sul	
	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%
Deixar sem água nem comida	2,9	0,3	2,1	4,1
Dar choques/ queimar com pontas de cigarro	2,8	3	2,1	2
Ameaçar membros da família para obter informações	1,3	0	1,8	0,3
Ameaçar com palavras para obter informações	10	11,7	10	13,7
Bater	6,8	9	6,5	10,8

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

A expressão “Direitos Humanos”

A expressão “Direitos Humanos” é frequentemente usada pelos meios de comunicação, em geral em contextos onde ocorreu algum tipo de violação destes direitos. Ao longo dos anos esta expressão adquiriu todas as características de uma representação social: de um conceito que sintetizava um processo histórico, que culmina com a Declaração Universal de Direitos Humanos a uma multiplicidade de significados e conotações que vão de entidades que defendem direitos legítimos a formas de atuar que impediriam o efetivo exercício da justiça. Para se testar como percebem o termo “Direitos Humanos”, o levantamento tem buscado identificar as associações que fazem a esta expressão. Os resultados sugerem que vem crescendo uma associação desta expressão a aspectos negativos. Enquanto em 2001 predominava a imagem de “Direitos Humanos” como conjunto de direitos que não prejudicava o trabalho da polícia, de direitos que guiavam o trabalho da polícia e de direitos que não eram direitos de “bandidos” em 2003 houve uma reversão na cidade e uma transição para reversão nos três distritos com mais altos índices de violência. Assim, na cidade em 2003 a expressão “Direitos Humanos” começa a ser identificada com direitos que impedem o trabalho da polícia, que não guiam o trabalho da polícia e como direitos de bandidos. A imagem dos “Direitos Humanos” é pior junto aos negros moradores dos três distritos do que entre os brancos e mulatos moradores nestes distritos e pior que junto aos negros moradores na cidade na cidade. Esta rejeição aos Direitos Humanos deve decorrer não só do aumento do medo mas também do baixo acesso da população aos direitos em geral.

Tabela 18

Direitos humanos representam os direitos que impedem ou prejudicam o trabalho da polícia *				
	São Paulo		Zona Sul	
	2001	2003	2001	2003*
	%	%	%	%
Sim representa	50,9			
Não representa	53,8		55,9	43,9
*Diferença entre grupos			Zona Sul 2003	
	não representa		brancos	46,1
			negros	23,2 (48,2= sim representa)
			mulatos	51,6
Direitos humanos representam os direitos que guiam ou norteiam o trabalho da polícia				
	São Paulo		Zona Sul	

	2001	2003	2001	2003*
	%	%	%	%
Sim representa	44,1		56,2	
Não representa	44,1	46,3		40,7
*Diferença entre grupos				Zona Sul 2003
	não representa	brancos		48,5
		negros		28,6 (37,5%=sim representa)
		mulatos		46,3
Direitos humanos representam os direitos de bandidos				
	São Paulo		Zona Sul	
	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%
Sim representa		49,6		
Não representa	55,3		61,1	48

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

Delegação de Poder ao Estado

Interessa também examinar que tipo de liberdade outorgam ao Estado em nome da segurança pública. Este tipo de outorga pode indicar a presença de traços autoritários entre os entrevistados, pois um certo grau de ceticismo entre os cidadãos indica potencial para uma busca de regulação do Estado pelos cidadãos, sinaliza ao menos a existência de uma consciência de que a prestação de contas, a responsabilização do Estado é uma necessidade em um Estado que aspira ser democrático. O que se observa é uma crescente tendência a uma delegação de poder acrítica às autoridades. Ao mesmo tempo que não acreditam que possam ser eficazes em suas demandas frente a estes poderes, cresce entre os entrevistados um consenso de que as decisões que o governo toam em relação a seguranças pública sempre são melhores para todos e que as autoridades deveriam ter todo o poder para impor medidas que reduzam a violência.

Tabela 19

As decisões que o governo toma sobre segurança pública sempre são as melhores para o bem de todos						
	10 capitais	São Paulo			Zona Sul	
	1999	1999	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%	%	%
Concorda total/em parte				50,5	82,9	82,3
Discorda total/em parte	59,5	64,7	58,9			
As autoridades devem ter todo o poder para impor medidas que diminuam a violência						
	10 capitais	São Paulo			Zona Sul	
	1999	1999	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%	%	%
Concorda total/em parte	85,2	78,9	82,7	87,5	82,9	82,3
*Diferença entre grupos						
concorda total/em parte	SP 1999					
	brancos	79,8				
	negros	66,8				
	mulatos	79,5				

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

O Estado e os Direitos Humanos

Direito à integridade física

Há quase unanimidade, entre os entrevistados, que o governo tem que respeitar o Estado de Direito, consoante com este respeito garantir a integridade física dos cidadãos como expresso nas tabelas abaixo. Entretanto, à medida em que este respeito pelo Estado de Direito vai sendo detalhado para além da interdição ao ato de “prender sem julgamento” surgem várias contradições nas expectativas dos entrevistados. Por exemplo, rejeitam como “inaceitável” que um governo use de coerção para as pessoas confessarem, mas como observado anteriormente vários (entre 15,8% e 15,7% na cidade e entre 17,5 e 26,7% nos três distritos) aceitam que a polícia use da tortura para obter informações. A rejeição ao uso da coerção é ainda maior entre os negros, grupo este que também não deixa de aceitar algumas formas de tortura.

Tabela 20

É aceitável ou inaceitável que:				
O governo prenda alguém sem julgamento				
	São Paulo		Zona Sul	
	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%
inaceitável	97,2	85,5	97,6	89,5
O governo use coerção para pessoas confessarem				
	São Paulo		Zona Sul	
	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%
inaceitável	88,8	83	90	75,9
*Diferença entre grupos				
inaceitável		SP 2003		
	Branços	82,5		
	Negros	93,1		
	Mulatos	79,2		

Há menos ambigüidade em relação a pena de morte. Cresceu nos últimos anos o apoio à pena de morte qualquer que seja o estímulo usado para medir este apoio. Quer se use como indicador a concordância ou discordância com a frase “Nenhum crime justifica usar a pena de morte”, quer como o grau em que consideram como sendo “aceitável” ou “inaceitável” que um governo tenha pena de morte, quer como a pena de morte como uma sentença legítima que pode ser aplicada como punição para delitos mais graves. Isto é válido para a cidade, para os distritos e para os diferentes grupos em estudo.

Tabela 21

Nenhum crime justifica usar a pena de morte							
		10 capitais	São Paulo			Zona Sul	
		1999	1999	2001	2003	2001	2003
		%	%	%	%	%	%
Concorda total/em parte				45,3		49,5	
Discorda total/em parte				55,8	52,7	49,4	66
						47,8	57,9

É aceitável ou inaceitável que:

O governo tenha pena de morte							
		São Paulo		Zona Sul			

		2001*	2003*	2001	2003		
		%	%	%	%		
Aceitável			55,2		54,4		
inaceitável		57,5		61,1			
*Diferença entre grupos							
inaceitável		SP 2001	aceitável		SP 2003		
	brancos	57,5		brancos	59,4		
	negros	73,8		negros	51,1		
	mulatos	59,2		mulatos	45,7	(48,6 = inaceitável)	

Direitos Civis e Políticos

A reação dos entrevistados aos Direitos Civis e Políticos

Não são apenas aqueles direitos, relativos a garantia da integridade física, cuja expectativa de respeito por parte do Estado vem perdendo apoio: caiu entre 2001 e 2003 o consenso na defesa da proteção contra o arbítrio do Estado também em relação aos direitos civis, políticos. O direito à liberdade de expressão, contraditoriamente permanece apoiado.

Cresceu o apoio a ações arbitrárias praticadas pelo Estado por motivos políticos, por exemplo a expulsão do país de dissidentes políticos; à prisão de pessoas por motivos políticos mas caiu o apoio a se retirar a nacionalidade de uma pessoa por representar uma ameaça à segurança nacional e cresceu a rejeição a se expulsar estrangeiros. Não diferenças significantes entre os três grupos analisados, exceto que em São Paulo em 2001, são os negros que menos discordam de que em determinados momentos, para manter a ordem social, é preciso prender dissidentes políticos.

Tabela 22

Todo país deve ter direito de expulsar pessoas que tenham posições				
políticas que ameacem o governo				
	São Paulo		Zona Sul	
	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%
Concorda total/em parte	53,2		56,8	48
Discorda total/em parte		50,8		44,8
Há momentos em que, para manter a ordem social, é necessário prender pessoas por suas posições políticas				
	São Paulo		Zona Sul	
	2001*	2003	2001	2003
	%	%	%	%
Concorda total/em parte	54,6	46,4	50,7	48,8
Discorda total/em parte		37,1		42,1
*Diferença entre grupos				
discorda total/em parte				
	SP 2001			
Brancos	57,1			
Negros	47,7			
Mulatos	50,6			
Todo país tem o direito de retirar a nacionalidade de uma pessoa se ela ameaçar				

a segurança do governo deste país	São Paulo		Zona Sul	
	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%
Concorda total/em parte	55,9	44,3	59,4	
Discorda total/em parte		49,6		51,5

É aceitável ou inaceitável que:

O governo expulse estrangeiros				
	São Paulo		Zona Sul	
	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%
Inaceitável	69,9	72,2	72,9	71,5

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPESP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

Direito à liberdade de expressão e manifestação

Há, em geral, uma forte defesa do direito de liberdade de expressão e de manifestação ainda que com algumas pequenas incongruências. Cresce a defesa do direito de manifestação e da liberdade de expressão individual, porém vem caindo a rejeição à censura de correspondência e da imprensa.

É aceitável ou inaceitável que:

O governo suspenda o direito de manifestação				
	São Paulo		Zona Sul	
	2001	2003	2001	2003
	%	%	%	%
Inaceitável	88,7	90,6	89,1	86,9

Há momentos em que as pessoas devem ser impedidas de expressar as suas opiniões					
	São Paulo		Zona Sul		
	2001	2003*	2001	2003	
	%	%	%	%	
Discorda total/em parte	58,1	67,1	58,4	64,5	
*Diferença entre grupos					
discorda total/em parte	SP 2003				

		brancos	69,4		
		negros	61,4		
		mulatos	64,1		

O governo nunca poderia ler ou censurar a correspondência de uma pessoa					
		São Paulo		Zona Sul	
		2001	2003	2001	2003
		%	%	%	%
Concorda total/em parte		77,8	66,2	79,1	64,3
Há momentos em que é justificável que se censure a imprensa					
		São Paulo		Zona Sul	
		2001	2003	2001	2003
		%	%	%	%
Concorda total/em parte		66,6	51,8	66,3	51,1
Discorda total/em parte					

É aceitável ou inaceitável que:

O governo impeça a transmissão de um programa de TV crítico ao governo					
		São Paulo		Zona Sul	
		2001	2003	2001	2003
		%	%	%	%
inaceitável		85,8	84,2	80,2	78,2

Fontes: Survey MJ/NEV (Atitudes e valores em relação à violência), 1999

Survey NEV/FAPEP/CEPID (Exposição a violência, valores, atitudes e crenças sobre violência, justiça, punição e direitos humanos) 2001 e 2003

As tendências descritas acima são válidas para os três grupos considerados. Vale salientar que alguns destes apoios e rejeição quando comparados com dados coletados em outros países sugerem que ao invés de ao longo do tempo valores democráticos virem adquirindo mais força e se tornando mais inalienáveis pode estar ocorrendo o oposto. Vem crescendo de maneira sutil o apoio a medidas autoritárias. A comparação entre dados destes levantamentos e outros, realizados em vários países europeus e um da América Central com forte tradição democrática, fortalece esta hipótese.

Em 2001 o padrão de respostas dos entrevistados nos levantamentos em São Paulo estava bastante próximo dos resultados obtidos por Doise, Clemence e Spini (1996), já em 2003 várias destas respostas haviam iniciado um distanciamento destes padrões de defesa dos direitos.

Aceitável ou inaceitável que um governo:

Inaceitável		França	Suiça	Itália	Costa Rica	
					Rica	Total
	prenda alguém sem julgamento	92,5	90,2	94,4	90,4	91,8
	use coerção para pessoas confessarem	80,8	85,2	78,4	82,7	81,8
	suspenda o direito de manifestação	65,9	60,2	66,4	60,2	63,2
	tenha pena de morte	40,4	52,5	72	51,4	53,7
	expulse estrangeiros	54,5	62,3	30,2	40,6	47,1
	impeça a transmissão de um programa de TV crítico ao	72,9	61,1	74,1	71,1	69,8

Conclusões

Os dados destes surveys em São Paulo indicam que os negros e mulatos apresentam perfis de vitimização, que parecem depender do contexto no qual vivem e do padrão de delinquência mais freqüente em seus bairros⁸. Os negros certamente são mais vítimas de agressão policial, e este é um dado consistente no tempo. Como é consistente o resultado que demonstra que vem aumentando a liberdade de ação que atribuem ao Estado para que este garanta a segurança pública. O que alimenta esta outorga de liberdade parece ser o medo. O medo de ser vítima de violência pode estar alimentado um rebaixamento da disposição de impor controles a ação do Estado. Esta delegação de maior poder fica mais problemática quando delegam ao Estado o poder de retirar a vida de pessoas, através da aplicação da pena de morte, pois este mesmo Estado, em geral, não é considerado como possível de influência pelos cidadãos. Todos os grupos analisados parecem estar sendo vítimas desta ilusão de que o mesmo Estado, que não responde a eles, possa ter poder de vida e de morte sobre os outros. Nesta delegação está implícito que este tipo de pena jamais seria aplicada a eles mesmos, dado que são cidadãos legítimos, que respeitam as leis, muito provavelmente não correm risco de serem vítimas de eventuais erros de agentes do Estado, encarregados de aplicar as leis, ou das políticas que o mesmo venha a definir.

Os dados sugerem que há percepção de forte presença de preconceito racial entre policiais e entre agentes de segurança privada: os dois tipos de profissionais com freqüência têm bastante contacto entre si, além disto não raro policiais atuam como agentes de segurança privada, ou seja carregam seu valores e os valores de sua instituição para outras atividades. É provável que alguns destes policiais e mesmo que alguns dos seguranças privados sejam negros ou mulatos. Se isto de fato ocorrer tem-se uma situação ainda mais perversa que é a de violação de direitos promovidas por outros iguais a aqueles que têm seus direitos violados. Este tipo de semelhança é ainda mais insidioso do que a violação perpetrada por alguém que pode ser caracterizado como sendo o “outro”, diferente, com o qual nenhuma identificação é possível. Neste último caso é possível para a vítima viver a indignação e a revolta com o ocorrido, combustíveis para alguma ação por mudança. Quando são outros, em tese, iguais a si, a indignação pode ser bloqueada pela depressão e pela redução da auto-estima. Reduzir a presença da violência de agentes do Estado em geral e em particular, contra os não brancos deve ser uma ação prioritária.

⁸ As pesquisas sobre vitimização vem somando evidências sobre o papel que o contexto exerce na probabilidade de vitimização. Se a pessoa mora em um bairro com altos índices de violência a probabilidade que tem de ser vítima é muito maior do que a de uma pessoa que mora em um bairro com baixos índices de violência.

Anexo

Dados Técnicos

1999

Período do campo- 25 a 31 de março de 1999

Local: 10 capitais- Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Belém, Manaus Porto Velho e Goiânia.

Universo: população com 16 anos ou mais residente nestas cidades.

Amostra- representativa das populações das áreas em estudo, elaborada por quotas proporcionais em função de sexo, grupo etário, atividade, tipo de ocupação e localização geográfica segundo os setores censitários do Censo demográfico de 1991, mais a correção pela PNAD de 1996.

Tamanho da amostra: 1600 entrevistas, 500 em São Paulo, 300 no Rio de Janeiro e 100 em cada uma das outras capitais.

2001

PERÍODO DE CAMPO - 22 de setembro a 09 de Outubro de 2001.

UNIVERSO - A pesquisa foi realizada com população de 16 anos ou mais da área em estudo.

AMOSTRA - Representativa do universo acima, elaborada por quotas proporcionais em função de variáveis significativas, sexo, grupo etário, grau de escolaridade, localização geográfica (Dados da Contagem de População do IBGE/ 1996).

Tamanho da amostra: 700 entrevistas no Município de São Paulo, e 341 entrevistas nos distritos de Capão Redondo, Jardim Ângela e Jardim São Luís

Intervalo de confiança/ Margem de erro: o intervalo de confiança estimado é de 95% e a margem de erro máxima estimada é de 3,7 pontos percentuais para mais ou para menos sobre os resultados encontrados no total da amostra do Município. Já nos três distritos citados o intervalo de confiança é também de 95% e a margem de erro é de erro máxima estimada é de 5,3 pontos percentuais para mais ou para menos sobre os resultados encontrados no total da amostra.

Técnica de coleta dos dados - Entrevistas domiciliares, individuais com utilização de questionário contendo perguntas fechadas com o uso de escalas tipo Likert, e poucas perguntas abertas.

As entrevistas foram realizadas por uma equipe de entrevistadores do IBOPE, devidamente treinada para abordagem deste tipo de público.

Controle de qualidade: Houve filtragem em todos os questionários após a realização das entrevistas e fiscalização em aproximadamente 20% dos questionários.

2003

PERÍODO DE CAMPO - 26 de novembro a 04 de dezembro de 2003.

UNIVERSO - A pesquisa foi realizada com população de 16 anos ou mais da área em estudo.

AMOSTRA - Representativa do universo acima, elaborada por quotas proporcionais em função de variáveis significativas, sexo, grupo etário, grau de escolaridade, localização geográfica (Dados da Contagem de População do IBGE/ 2000)

Tamanho da amostra: 700 entrevistas no Município de São Paulo, e 346 entrevistas nos distritos de Capão Redondo, Jardim Ângela e Jardim São Luís

Intervalo de confiança/ Margem de erro: o intervalo de confiança estimado é de 95% e a margem de erro máxima estimada é de 3,7 pontos percentuais para mais ou para menos sobre os resultados encontrados no total da amostra do Município. Já nos três distritos citados o intervalo de confiança é também de 95% e a margem de erro é de erro máxima estimada é de 5,3 pontos percentuais para mais ou para menos sobre os resultados encontrados no total da amostra.

Técnica de coleta dos dados - Entrevistas domiciliares, individuais com utilização de questionário contendo perguntas fechadas com o uso de escalas tipo Likert, e poucas perguntas abertas.

As entrevistas foram realizadas por uma equipe de entrevistadores do IBOPE, devidamente treinada para abordagem deste tipo de público.

Controle de qualidade: Houve filtragem em todos os questionários após a realização das entrevistas e fiscalização em aproximadamente 20% dos questionários.

Bibliografia

- Chang, J.J. et al (2003) "The role of repeat victimization in adolescent delinquent behaviors and recidivism", **Journal of Adolescent Health**. 32:272-280.
- Hope, T. et al. (2001) "The phenomena of multiple victimization." **British Journal of Criminology**. 41:595-617.
- Thompson, B.L. e Lee, J.D. (2004) "Who cares if police become violent? Explaining approval of police use of force using a national sample." **Sociological Inquiry** . 74 (3): 381-410.
- Doise, W. Clemence, A, e Spini, D. (1996) "Human Rights and Social Psychology" **The British Psychological Society Social Psychology Newsletter**, no. 35.pp: 3-21.
- Lauritsen, J.L. (2003) How families and communities influence youth influence youth victimization. **Juvenile Justice Bulletin**, November, 11 pages.
- Noronha, C.V. et al. (1999) "Violência, etnia e cor : um estudo dos diferenciais na região metropolitana de Salvador, Bahia, Brasil". **Revista Panamericana de Saúde Pública**, 5(4/5): 268-277.

